

Frederico Paciência: Representações do sistema binário e do homoerótico na sociedade.

Autor: Moisés Henrique de Mendonça Nunes

Orientadora: Antonielle Menezes Souza

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

EMAIL: moisesdemendonca@hotmail.com

Resumo: Com os modelos da sociedade brasileira e voltando-se ao sistema rígido binário, heteronormativo e a sexualidade com o perfil de pessoas a confundir, negando o que sente. Ao analisar o conto de Mário de Andrade, *Frederico Paciência*, procurou observar como os personagens refletem de certa maneira a sociedade que banaliza a sexualidade, oprime os sentimentos e condiciona os sujeitos a uma norma patriarcal e machista. O conto terá em vista observar o ser masculino e o homoerótico na perspectiva de observar esses personagens a se reconhecerem em sociedade, implicando nas suas vidas e forma de sentir.

Palavras-chave: Conto; Mário de Andrade; Binarismo; Homoerótico.

Introdução

Em suas produções, observamos como Mário de Andrade percorre toda uma tendência intimista e emocional com nuances líricas em seus textos, podendo ser explicado, conforme Candido (1946), no efeito da literatura ser algo sério e vivido por Mário, seja no trabalho de suas produções como no simples escrever de um bilhete. Por Mário de Andrade (1893-1945) detém-se sendo um dos percussores do movimento modernista na literatura brasileira, mesmo sabendo que este vincula a outras estéticas artísticas como observou na Semana de Arte Moderna (1922). Sobre a produção literária, nesse momento, houveram as influências dos movimentos vanguardistas europeus que ao trazer para o Brasil reverbera na estilística do modernismo.

Esse movimento, tendo foco com o rompimento tradicionalista, engessado e parnasiano que a literatura se encontrava, trouxe uma nova forma de se ver e escrever o Brasil, como o sujeito brasileiro. A estética de Mário de Andrade origina com uma linguagem coloquial, ao cenário paulistano, o brasileiro miscigenado, a vida cotidiana e suas reflexões com a oportunidade de romper com as formas clássicas, dentre outros pontos que podemos observar nos seus poemas, romances, crônicas, contos e artigos. Do conto analisado, foi retirado do livro *Contos Novos*¹ (1947), produzido em vida pelo próprio autor.

O conto *Frederico Paciência* (1943) de Mário de Andrade denota em sua construção as experiências sentimentais que envolvem as pessoas, assim como a repreensão desses

¹ A edição utilizada no artigo foi produzida pela Novo Século Editora (2017).

sentimentos e desejos, voltado, objetivamente, ao autoritarismo de uma sociedade patriarcal, machista e religiosa, no qual as pessoas vivem em um regime disciplinar sobre a sexualidade e rigidamente binário. O conto destaca também um nuance romântico entre os personagens Juca e Frederico Paciência, constituindo como a presença do homoerótico na literatura brasileira.

Metodologia

Conceituando, inicialmente, o gênero conto, observa como é discutível quanto a presença de teorias e a subjetividade de cada autor definir esse gênero. Sobre o viés de Mário de Andrade, vamos deter que, como dito anteriormente, o conto é aquilo que o próprio autor quer chamar de conto. Destaca-se que o período vivenciado por Mário, o modernismo, até o que conhecemos como literatura contemporânea, terá a ascensão do conto, tanto na produção e nas suas definições. Quanto a isso já vamos encontrar o próprio Mário de Andrade levando a reflexão ao conto na sua produção: “Tanto andam agora preocupados em definir o conto que não sei bem se o que vou contar é conto ou não, sei que é verdade.” (ANDRADE, 2017, p. 7).

Definir o conto, levando em consideração as preposições de Mário de Andrade como as próprias teorias, podem-se limitar algumas características como uma produção literária enxuta, condensada e que seja rapidamente entendida pelo leitor, fazendo esse compreender, refletir e problematizar as questões observadas no conto. Levando isso em consideração, notamos que as produções de Mário de Andrade acarretam em seus contos a mescla com o real, como um processo mimético da realidade.

Com o conto *Frederico Paciência* (1943), procurou observar questões abordadas também na literatura. Como a característica do real, da idealização do ser, ocorrido no romantismo. Questões voltadas ao sistema binário, engessado e reproduzido, através dos personagens, nos espaços que se encontravam no conto e sua influência, trazendo ao ser masculino a dualidade de sujeitamento e transgressão desse binarismo rígido, além da presença do homoerótico, tão pouco trabalhado e muitas vezes silenciado nas produções literárias. Ao trazer o termo *homoerótico*, procurou-se analisar através do *eros*, como algo mais abrangente e as perspectivas que irão inserir os personagens, não enquadrado a uma orientação sexual, mas as experiências e o conhecimento de si.

Ao analisar o conto, observamos essa mescla entre ficção e realidade, quando nos referimos ao autor quanto a questão da orientação sexual e as formas intimistas. Determo-nos sobre um olhar subjetivo ao personagem e seus sentimentos, discutido em duas fases: a

adolescência e o adulto. Em uma discussão interna quanto a sexualidade e o que sente pelo amigo Frederico, mencionado no conto. Nesse olhar subjetivo, denota-se como o homem repreende seus próprios sentimentos, segundo uma sociedade que impõe regras “naturalizadas” e normas binárias que constituiriam o masculino, observando como isto ocorre através de outras personagens e o cenário com papel de submeter ao silenciamento, além dos questionamentos do personagem.

Para uma base teórico-metodológico do artigo foi utilizado *História concisa da literatura brasileira*² de Alfredo Bosi (1994) para nortear e refletir o momento literário vivido por Mário de Andrade, como sua estética, sobre o próprio autor foi observado em *Lembranças de Mário de Andrade* de Antônio Candido (1946). Para orientar e refletir as especificidades do conto, *Teoria do conto* de Nádya Battella Gotlib (1985), elucidando sobre questões relacionados a sexualidade e o sistema binário na sociedade, *História da sexualidade: a vontade de saber*³ de Michel Foucault (1988), *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista* (2007) de Guacira Lopes Louro e o artigo *Gêneros não-binários: Identidades, expressões e educação* (2016) de Neilton dos Reis e Raquel Pinho.

Resultados e Discussão

Frederico Paciência (1943), narra a vida do personagem Juca, também narrador do conto, que trará os momentos de sua vida com seu amigo Frederico e sobre as eventualidades cotidianas. Observamos que o conto se passa por duas fases: a adolescência e vida adulta. O narrador fala do cotidiano, dos momentos vividos e o que sentia, sendo mais preciso, ao que sentia pelo amigo Frederico Paciência e por sutis amostras no conto vamos observando o que a comunidade, como os próprios personagens pensam e refletem sobre.

Destacamos que o conto incita no movimento intimista cujo temos um narrador-personagem que, através de *flashback* sobre sua vida, vai nos contar sobre o sentimento que carrega pelo amigo e suas reflexões. Nesse enredo, que se passa a partir da discussão interna do narrador-personagem quanto ao que sente pelo amigo, sendo como um momento especial, uma novidade no qual o leitor irá se debruçar sobre o texto literário e observar o caso (GOTLIB, 1985, p. 50).

Inicialmente o conto apresenta a adolescência dos personagens, sendo mais específico aos momentos vividos no colégio, uma instituição coordenada por Padres, e que já vamos

² Para o artigo foi utilizada a 50. Ed. Da editora Cultrix (2015).

³ Foi utilizado da edição mais recente, 6. Ed. Da Editora Paz e Terra (2017)

deparar com o que o protagonista vai dizer sobre Frederico Paciência, como alguém detentor da perfeição, até podendo considerar uma imagem idealizada, santificada. O contrário de Juca, um jovem rebelde, que tinha dificuldade nos estudos e problemas com a família.

“Admirava lealmente a perfeição moral e física de Frederico Paciência e com muita sinceridade o invejei. [...] Tive ânsias de imitar Frederico Paciência. Quis ser ele, ser dele, me confundir naquele esplendor, e ficamos amigos.” (ANDRADE, 2017, P. 93)

No trecho, observamos a presença de uma personificação idealizada da pessoa, como uma retomada do romantismo, mas também destaca o que Juca sente quanto ao amigo, possivelmente, uma sutil forma de apresentar esse jovem amadurecendo, começando a ter novos sentimentos e os primeiros desejos. Destacamos que ao dialogar essa característica do romantismo brasileiro, como a presença do homoerótico, observamos o homem admirando outro homem. Essa imagem do ser masculino como algo santo e desejável, contraria as produções reconhecidas na literatura além do binarismo rígido pré-estabelecido pela sociedade patriarcal, heteronormativa, como encontrávamos no homem e sua devoção, desejo, pela mulher.

Com o prosseguir do conto, observamos como esse sentimento está sendo lidado entre os jovens, no qual ambos personagens compartilham.

“Não há dúvida que se agradava de mim, inalteravelmente feliz de me ver e conversar comigo. Apenas eu percebia, irritado, que era a mesma coisa com todos. Não consegui ser discreto. [...] acabei bastante atrapalhado, lhe confessando que era meu “único” amigo. Frederico Paciência entreparou num espanto mudo [...] eu numa comoção envergonhada, já nem sabendo de mim, aliviado em minha sinceridade. Chegara a esquina em que nos separávamos, paramos. Frederico Paciência estava maravilhoso, suado, corado, derramando vida. [...]

- Você não vai pra casa já!

- Ara... Estou com vontade de ir com você...” (ANDRADE, 2017, p. 95)

Destaca observar Juca sentindo ciúmes, quando fica irritado e não consegue disfarçar ao ver Frederico com outros amigos, e de Frederico Paciência, o carinho e afeto que sente por Juca, demonstrado quando teve a oportunidade de levar Juca em casa sabendo que era um caminho contrário à sua. A ligação entre os personagens vão se tornando maior, a ajuda de Frederico nos estudos de Juca, passeios pelo bairro e o desejo de morarem juntos logo após se formarem.

A presença da sexualidade, dos desejos sexuais e o início dos impasses, destacam-se quando Juca diz que Frederico faz “[...] confissões sobre instintos nascentes [...]”

(ANDRADE, 2017, p. 96) e o compartilhamento do livro “História da prostituição na Antiguidade”. Notamos que tanto as confissões como o pedido de ler o livro desfaz toda a imagem de Frederico Paciência para Juca, retomando o ponto da idealização do ser, que o deixa muito irritado. Compreender que seu amigo sente e confessa-lhe desejos rompe com toda a imagem moral e casta de Frederico. Tendo isso em vista, como o perfil do amigo de uma pessoa moral, o narrador sentia vontade de morrer porque imaginava tirar-lhe isso. Observamos que existe uma dualidade nos personagens, um Juca/anti-Frederico, Frederico/anti-Juca, moral e pecaminoso que são localizados nos dois personagens protagonistas do conto e expõe as questões binárias postas na sociedade, voltado principalmente para os meninos no conto.

Destacamos como na construção desses personagens apresentamos a dualidade, Juca constrói a imagem masculina imposta pela sociedade patriarcal/machista, o menino rebelde, não estuda, que tem problemas com a família e apresenta uma agressividade até violenta e Frederico Paciência, mais calmo e centrado aos estudos, apresentando um cuidado de si e características sentimentais. Iremos perceber com o decorrer do conto como esse sistema binário reproduzido na escola e na vida social irá influenciar os personagens, porém vale destacar como não existe uma “naturalidade” para a composição da masculinidade, tendo em vista esses personagens, homens, que se diferenciam quanto a criação. A homogeneização se dar presente as características, constituídas histórico-socialmente, na comunidade, centrando-se na escola e o núcleo familiar.

“As identidades dos sujeitos vão se produzindo ao longo da vida, num processo de reprodução de outras já estabelecidas, ou de repulsão. O indivíduo se apropria dos comportamentos de sexo e gênero a ele estabelecidos e os ressignifica interiormente, aceitando ou rejeitando-os. Nesse sentido, entendemos a escola como local privilegiado para essa (re)produção, que reforçará ou construirá novos signos e significados às sexualidades e identidades.” (REIS E PINHO, 2015, p. 7 e 8)

O questionamento ao que sentir pelo amigo e o assujeitamento dos sentimentos se dar quando os colegas começam a falar sobre como era suspeita a amizade entre Juca e Frederico.

“[...] não faltaram bocas de serpentes. Frederico paciência, quando a indireta do gracejo foi tão clara que era impossível não perceber o que pensavam de nós, abriu os maiores olhos que lhe vi. Veio uma palidez de crime e ele cegou. Agarrou o agressor pelo gasnete e o dobrou nas mãos inflexíveis.” (ANDRADE, 2017, p. 100 e 101)

Observamos que a primeira reação advém de Frederico ao agredir o jovem que fez o gracejo e Juca fica assustado com o ocorrido. Colegas tentam contê-lo da ação violenta de

sufocar o rapaz, juntamente com os Padres e após o menino desmaiar, fazendo Frederico soltar, terminando com ele a dizer: “Ele me ofendeu” (ANDRADE, 2017, p. 101). Em seguida vamos ter Juca encontrando o mesmo menino para uma briga.

Nos dois momentos expostos, observamos como a comunidade questiona e submete a vida alheia. Por mais que o conto destaque a presença homoerótica, se não houvesse essa presença, uma amizade entre duas pessoas, seja do mesmo gênero ou gêneros diferentes, traria novamente esse pensamento suspeito. Destacamos que a curiosidade, principalmente as questões voltadas à sexualidade como algo a ser banalizado e silenciado é historicamente presente. Ressalta que a presença de uma escola cristã também explica esse momento, a sociedade burguesa entre os séculos XIX e XX por mais que traga exposição e manifesto dos discursos voltado a sexualidade, ainda assim, tentou rigorosamente reprimi-la, apoiados pelas instituições, cristã e governamental, como o uso da medicina para tratar questões sexuais como patologia (FOUCAULT, 2017, p. 52).

Guacira Lopes Louro (2007) irá trazer sobre o papel da escola, através do sistema binário nas relações de gênero, de forma rígida fará classificar, hierarquizar e reproduzir os locais postos para os sujeitos, no qual muitos serão sujeitados, apagados ou considerados *desviantes*, podemos observar isso com o ocorrido da agressão e que até os personagens formarem-se do colégio não existirá a presença de mulheres, tendo sua presença em passagens voltadas a objetificação e sexualização do ser feminino.

Nessa mesma perspectiva, ressaltamos como a ação dos protagonistas fica presente entre o medo e o desconforto. Passado o problema no colégio e a atitude de Juca, vista como uma tentativa de defender o amigo Frederico Paciência, vamos observar o beijo vivido pelos rapazes.

“E foi aquele beijo que lhe dei no nariz depois, depois não, de repente no meio duma discussão rancorosa sobre se Bonaparte era gênio, eu jurando que não, ele que sim. — Besta! — Besta é você! Dei um beijo, nem sei! parecíamos estar afastados léguas um do outro nos odiando. Frederico Paciência recuou, derrubando a cadeira [...] ele avançou, me abraçou com ansiedade, me beijou com amargura, me beijou na cara em cheio dolorosamente. Mas logo nos assustou a sensação de condenados que explodiu [...]” (ANDRADE, 2017, p. 100 e 104)

Ressaltamos que no fragmento, o beijo ocorreu a partir de uma discussão sobre história, mas o que deve destacar é como apresenta-se a provocação nos personagens. O perfil do homem, a normatização de uma sociedade patriarcal e heteronormativa, no qual o ser masculino não conversa sobre algo, ele discute de forma violenta e agressiva com a atitude de

provocar quem se tem o poder ou o mais forte, foi um mecanismo para os personagens darem um beijo, o que vai ser notado repetidamente em outros momentos do conto.

Após o beijo, os personagens se sentem condenados, moralmente, mas por um momento de riso nervoso, se desfaz toda uma tensão da cena e depois a frase: “Precisamos tomar mais cuidado” (ANDRADE, 2017, p. 104) Ambíguo em quem falou a frase, já que o próprio narrador diz que não sabe quem foi dos dois a dizer. O sentido da frase vai muito além, trazendo-nos a reflexão de: tomar cuidado para não fazer de novo ou ter atenção, caso se repita e alguém veja.

Passado o beijo também podemos observar como cada personagem irá prosseguir no conto. Denota que Juca diminuirá os laços de amizade com Frederico, a distância é explicada pelo narrador como: “Com a formatura do ginásio descobrimos afinal um pretexto para iniciar a desagregação muito negada, e mesmo agora impensada, da nossa amizade. Falo que era “pretexto” porque me parece que tinha outras razões mais ponderosas.” (ANDRADE, 2017, p. 105). Obtendo a partir disso a omissão do que aconteceu e o reprimir dos desejos e sentimentos vividos pelos rapazes. Ressaltamos que mesmo o narrador dando a entender que os dois não tinham interesse por aquilo que viveram, é contraditório conforme vai apresentando-se o personagem Frederico Paciência.

Através de novas experiências sexuais ao fim do ginásio e seu relacionamento com Rose, observamos a omissão e silenciamento dos sentimentos de Juca por Frederico, este último por mais que incite novas discussões com a tentativa de obter segundas intenções e sendo negado, centra-se nos estudos ao não ser correspondido. Nesse momento, notamos que o narrador vai romper o *flashback* conversando com o leitor.

“Estou lutando desde o princípio destas explicações sobre desagregação da nossa amizade, contra uma razão que me pareceu inventada enquanto escrevia, para sutillar psicologicamente o conto. Mas agora não resisto mais. Está me parecendo que entre as causas insabidas, tinha também uma espécie de despeito desprezador de um pelo outro...” (ANDRADE, 2017, p. 107)

Tendo em mente que o narrador é o Juca, mais velho, vamos ter que ele começa a explicar, na transição entre o fim da adolescência e antes de iniciar a vida adulta, o porquê de não querer imitar mais o Frederico Paciência. A explicação é mal contada, sendo que o próprio narrador irá dizer “[...] eu, sinceramente, sabe-me lá por quê! Não desejava mais ser um Frederico Paciência!” (ANDRADE, 2017, p. 107) Nessa forma vaga, podemos contextualizar, conforme o que Juca vivenciou e sentiu por uma fuga dos seus sentimentos, sujeitando-se as normas e práticas investidas pelo sistema binário colocado pela sociedade

machista e heteronormativa, como vai sendo observado no primeiro momento.

Destaca nesse conto, observar como através de um narrador que narra uma passagem vivida, remetendo a um momento especial, acaba por trazer um personagem que tem uma vontade ou necessidade de confessar seus sentimentos. Levando em consideração ao enredo e o tema da sexualidade, atribuído ao texto, como, novamente, a condição do conto entre mesclar o ficcional ao mundo real, detemos que esse narrador condiz com o indivíduo ocidental. “O homem, no Ocidente, tornou-se um animal confidente.” (FOUCAULT, 2017, p. 66). Observamos que Juca contextualiza o sujeito que confidencia os seus desejos mais internos e os reprimi, o aparecimento da Igreja, a escola como separação binária dos gêneros e a presença de uma família rigorosa burguesa, contextualiza esse narrador historicamente presente no mundo real, que secreta os seus pensamentos, porém sente a necessidade de conta-los, nesse caso ao leitor.

Notamos que o próprio Juca vai trazer novas cores a Frederico Paciência, ele vai dizer que ainda o admirava mesmo com sua vulgaridade que tinha muito de ideal, uma pessoa perfeita em uma outra concepção de ser (ANDRADE, 2017, p. 107). Levando a questionar a esses novos conceitos dados por Juca para o amigo, tomando-lhe um papel antagonista. Primeiro, o rompimento com o idealizado Frederico, fazendo essas coisas contrárias as questões morais e castas de uma comunidade cristã ou em segunda reflexão, o personagem compreender e se aceitar como um homem gay.

O perpassar do segundo momento do conto ocorre na vida adulta dos personagens. Passado o ginásio e as escolhas que pretendiam para o futuro, Juca optando pelo estudo de pinturas, mas tendo que abandonar por não ser “uma carreira”, e Frederico pela medicina, porém não podendo ir para o Rio de Janeiro fazer o curso. É interessante ressaltar como os padrões binários heteronormativos influenciam na profissionalização das pessoas, a questão de não poder cursar artes, além de uma imagem pejorativa capitalista a área de humanas, também carece a questão de que mulheres eram voltadas para esse ramo, das artes ou educação e o homem para as exatas, direito e área de saúde. Ainda nesse viés, Frederico, que rompe o perfil de masculino no sistema rígido binário, opta pela medicina. A amizade dos personagens, que encontravam-se afastados, retoma com o momento vivido por Frederico, a morte do seu pai, o que vai ligar os dois novamente.

Observamos que nesse momento, através de um amigo indelicado da família, faz reunir Juca e Frederico a reviver os desejos contidos. “Percebi o mutismo dele, entendi porque era, mas não podia, custei a retirar os olhos daquela boca linda. E quando nossos olhos se

encontraram, quase assustei porque [...] também como eu estava, com olhos de desespero, inteiramente confessado.” (ANDRADE, 2017, p. 110). Demonstra no momento o que ambos sentiam e queriam, porém, Juca, com medo de si e do que identifica como homem moral, social, contrária. Observa que ao mesmo tempo, a troca de olhares, confessa tudo o que eles sentiam, porém, a imagem do pai falecido rompe toda a tensão do momento.

Passado a morte do pai, Frederico com sua mãe iria para o Rio de Janeiro, reunindo novamente, ele e Juca. Nessa retomada, vamos deter a presença do desejo e sentimento carregado por ambos personagens, novamente Juca com suas tentativas de conter o que sentia e além do cuidado para não ocorrer algum *deslize*. A passagem de duas cenas no conto podem perceber como esse rompimento traz o percurso da amizade, o esclarecimento dela e quanto a dualidade para possíveis novas perspectivas trazidas pelo narrador.

“A última semana de nossa amizade (não tem dúvida: a última. Tudo o mais foram idealismos, vergonhas, abusos de preconceitos), a última semana foram dias de noivado para nós, que de carícias! Mas não quisemos, tivemos um receio enorme de provocar um novo instante como aquele de que o morto nos salvara. [...]

“Então? Adeus?”; “Qual! Até breve!”; “você volta mesmo?...”; “Juro que volto!” O soluço que engasga na risada alegre de partida, enfim livre! O trem partindo. Aquela sensação nítida de alívio. Você vai andando, vê uma garota, e já está noutra mundo. Tropeça num do grupo que sai da estação, “Desculpe!”, ele vos olha, é um rapaz, os dois riem, se simpatizam, poderia ser uma amizade nova.” (ANDRADE, 2017, p. 110, 111 e 112)

Na passagem, observamos como a separação evidencia pontos claros da amizade. Juca, narrador e já mais velho, destaca a idealização do amigo, a vergonha do que deteve a amizade, como do que sentia. O preconceito, passado pelos amigos e Juca com o próprio Frederico, mas também levanta a pergunta: Por que não um preconceito de Juca quanto a si? Essas abordagens evidenciadas pelo narrador pode ser explicada conforme a linearidade entre o conto com a realidade da sociedade. A presença do patriarcado com o machismo, personificando o perfil de homem ao sistema binário sexual, heteronormativo, a presença da imagem cristã e suas regras quanto a moralidade como a subjetividade das pessoas ao reterem essas normas para si, além da escola como reprodutora e delimitadora do que é certo e errado como o silenciar de seus sentimentos, reflexões e desejos. Essa última é explicada conforme o narrador conta os últimos minutos juntos e sendo contraditório, *um noivado*, mas o medo de demonstrar o que sentia em fala e gestos.

O trecho novamente retoma como o personagem tenta reprimir o que sentia e denota uma dualidade que narrador pensa ocorrer com eles. Observamos como a cena da partida de

Frederico é dramática e Juca, mesmo triste, sente-se aliviado por não ter que carregar mais a confiança de gostar do seu amigo, ele ainda apresenta que pode conhecer uma moça e esquecer de tudo aquilo, uma tentativa parecida quando se relacionou com Rose no final do ginásio. Contudo ele nota a presença da mesma chance de conhecer um amigo novo. Para ele ou Frederico? Trazendo como ele conta sobre o amigo, a pergunta se responde ao próprio Frederico Paciência. Enquanto a menina seria para tirar Frederico da sua cabeça, romper com o que sentia pelo amigo, para Frederico, uma nova amizade que o faça esquecer do Juca.

Trocaram cartas, mas foram sendo escassas com o tempo, Frederico falando sobre o curso de medicina e Juca da música e seu interesse pelos versos. O final do conto se dá com o ressurgimento de um telegrama falando sobre a morte da mãe de Frederico Paciência, uma nova oportunidade de se reverem e conforme o narrador: “Desta vez o cadáver não seria empecilho, seria ajuda, o que nos salvou foi a distância.” (ANDRADE, 2017, p. 113) Uma possível forma de Juca, finalmente, expor seus reais sentimentos ao amigo, porém não se concretizará por questões financeiras e o protagonista acaba por trazer que isso era melhor, “Como eu queria tirar de cima de mim a responsabilidade de minha salvação. Ou me tornar mais consciente da minha pobreza moral. Fiquei feliz, feliz!” (ANDRADE, 2017, p. 113 e 114) dando fim a amizade.

O narrador volta a adolescência, com a festa do ginásio, ao expor um momento vivido por Frederico, sua irritabilidade quando uma menina o abraça sem nenhuma intenção e o trocadilho com seu sobrenome, *Paciência*. Esse trocadilho com o nome, também evidenciado pelo narrador, destaca uma ambiguidade. Paciência somente por ser um sobrenome, por ser sempre uma pessoa a esperar, a ter que compreender ou paciência em ter que esperar alguém que seja como ele, o entenda e não vá embora? O esforço em reafirmar a felicidade, como na passagem da partida de Frederico e o alívio em terem se afastado vinculam a presença desse personagem sujeitado as condições heteronormativas colocadas para as pessoas em sociedade, condicionado a negar seus sentimentos e medicalizar a sexualidade.

Conclusões

Analisar este conto de Mário de Andrade traz à tona toda uma temática e reflexões silenciadas e oprimidas pela sociedade. A forma como o conto é construído, através do *flashback*, buscando a juventude para explicar esse narrador maduro e que conta seus sentimentos mais íntimos como os percalços que o fazem deter senti-lo, reflete a forma como as pessoas oprimem e banalizam a sexualidade como conhecer a si mesmas. O perfil de homem constituída por uma sociedade patriarcal e machista é a mesma que oprime e nega o

próprio ser masculino, normatizando a um sistema binário, cujo torna-se a ser um indivíduo omissos e violentos.

Ao observar o homoerótico em *Frederico Paciência* (1943) também é destacado que não teve a iniciativa de identificar os personagens a uma orientação sexual, porém a focar esses personagens as suas experiências sexuais, como a normatização de um binarismo rígido enquadrando sobre o que é masculino e feminino, oprime e reprime os sujeitos de se reconhecerem e como o cenário implica nessas questões. Neste artigo trabalhamos com um único conto, mas em uma leitura mais atenta sobre o livro *Contos Novos* (1947) de Mário de Andrade vamos ter novamente a presença de Juca, a outro conto que também irá explorar questões sexuais e sentimentais. Assim como podemos observar, sendo em um trabalho biográfico ao autor, em que os contos fossem atestados desse próprio Mário de Andrade a se conhecer e identificar como sujeito LGBTQI+.

Para concluir o artigo, observamos como a sexualidade ainda é um tabu em nossa sociedade além da imposição dos padrões heteronormativos e binários que condicionam as pessoas em silenciar-se. Analisar um conto de 1943, pleno século XX, evidência como tem muito a ser refletido, explicado e quebrado na nossa sociedade, a ação da literatura também tem esse efeito, de expor, fazer com que o leitor veja como constitui-se essa comunidade, seja ela no plano geral ou individualizado, como visto no conto. A muito a se pensar e refletir com *Frederico Paciência* em conjunto aos modelos da sociedade brasileira.

Referências

ANDRADE, Mário de. *Frederico Paciência*. In: **Contos Novos**. Novo Século Editora. 2017, p. 93 – 114.

BOSI, Alfredo. Pressuposto histórico e Mário de Andrade. In: **História concisa da literatura brasileira**. Editora Cultrix, 2015, p. 323 – 326 e 370 – 380.

CANDIDO, Antonio. Lembrança de Mário de Andrade. In: **Vários escritos**. Livraria Duas Cidades, 1977, p. 91 – 95.

DOS REIS, Neilton; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: Identidades, expressões e Educação. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 7-25.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. – 6ª ed. Paz e Terra, 2017.

GOTLIB, Nádya Battella. **Teoria do conto**. Atica, 1985.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista**/ Guacira Lpos Louro. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.